

# QUEM VÊ O QUÊ? (SUB)VERSÕES DOS OLHARES A RESPEITO DO GRAFFITI: UMA (RE)VISÃO DA LITERATURA

Fernando Luiz do Nascimento<sup>1</sup>; Laura Paste de Almeida<sup>2</sup>

1. Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória.

2. Mestrado em Psicologia Institucional pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória.

## RESUMO

Tão logo a humanidade encontrou-se com a expressão gráfica, já haviam registros espalhados pelas paredes, mas foi em Nova Iorque, em meados da década de 1970, que o graffiti atual despontou. Desde seu surgimento, os graffiti se lançam entre as ruas das cidades e atualmente também circulam em diversas mídias e galerias de arte. Palavras e imagens habitando a cidade, cobrindo o cinza com suas cores e inquietudes. Todavia, esse olhar está longe de ser consenso na literatura e na vida cotidiana. Historicamente o graffiti e a pixação são considerados crime e poluidores dos grandes centros urbanos. Quais as (sub)versões presentes na literatura nacional a respeito do graffiti? Quais os diferentes olhares lançados? Nesse sentido, o presente estudo buscou investigar as concepções sobre o graffiti em pesquisas nacionais, publicadas entre os anos de 2006 a 2016 e discuti-las a partir do olhar da Filosofia da Diferença, proposta por Deleuze e Guattari, e compartilhados por Foucault e Rolnik. Na busca pelo descritor “graffiti” nas bases de dados SciELO e Pepsic, foram encontrados 20 trabalhos, dos quais apenas oito satisfizeram o delineamento proposto. Os dados encontrados foram organizados a partir dos conceitos da Análise de Conteúdo, que sinalizou três categorias: Diferença: Graffiti X Pixação; Política, com as subcategorias Resistência e Território; e Subjetividades. O graffiti pode ser considerado agenciador de subjetividades e de novas possibilidades de ser e estar no mundo, além de forte sentido político, necessitando de mais pesquisas, principalmente na Psicologia. **Palavras-chave:** graffiti; pixação; arte urbana; subjetividades; política.

## INTRODUÇÃO

Tão logo a humanidade encontrou-se com a expressão gráfica, já haviam registros espalhados pelas paredes. Achados arqueológicos demonstram inscrições e pinturas desse tipo no Egito antigo, em Pompéia, cidade do Império Romano, e na Grécia antiga. Outro exemplo são as famosas pinturas encontradas em cavernas, datadas do período Pré-histórico. Segundo Bacelar (2003), o povo romano escrevia sinais nas construções de cidades conquistadas bem antes da descoberta da escrita. De acordo com Ganz (2010), há registros de que soldados nazistas usavam inscrições nos muros a fim de disseminar propagandas de ódio. Por outro lado, vários movimentos de resistência a Hitler também espalhavam suas ideias pelas paredes na Europa, como forma de protesto.

Segundo Ganz (2010), a origem da palavra *graffiti*<sup>1</sup> também remonta à antiguidade e vem do italiano *sgraffito* – rabisco, ranhura. Interessante notar que desde os primórdios o graffiti é entendido como um fenômeno extraoficial, guardando uma relação de grande afinidade com a vida cotidiana das cidades (BISSOLI, 2011). Foi em Nova Iorque, uma das maiores cidades do mundo, em meados da década de 1970, que o graffiti atual despontou como

<sup>1</sup> No presente trabalho optamos pela utilização do termo “graffiti”, a fim de mantermos a grafia original advinda do italiano e também para diferenciar do termo grafite, que tem outros significados, conforme sugerido por Bissoli (2011). Todavia, os trechos transcritos de outros trabalhos permanecem como encontrados no original. Optou-se também pela utilização do termo “pixação” e suas variações: “pixador” e “pixo”, etc, pelo fato desta forma de grafia ser mais comum entre seus praticantes (CALDEIRA, 2012).

componente do movimento Hip Hop<sup>2</sup>. Grafiteiros como Taki 183, Julio 204, Cat 161 e Cornbread deixavam suas marcas pelos muros e nas estações de metrô no entorno de Manhattan. Na década de 1980, a arte de rua se mostrava em diversas regiões do mundo (GANZ, 2010).

No Brasil, o precursor do graffiti foi o artista Alex Vallauri, que utilizava principalmente a técnica do stencil. Durante os anos de chumbo da ditadura no Brasil, Vallauri enfrentou os militares com sua arte nos muros e prédios de São Paulo. Em uma de suas falas, ele cita o graffiti como uma das formas que mais se relacionam com o seu ideário de arte para todos. Sua contribuição tornou-se tão importante que o dia de sua morte – 27 de março – é considerado o Dia do Graffiti no Brasil (SPINELLI, 2011).

Desde seu surgimento, os graffiti se lançam entre as ruas das cidades e atualmente também circulam em jornais, revistas, galerias de arte e plataformas virtuais. Palavras e imagens habitando a cidade, cobrindo o cinza padrão com suas cores, inscrições indecifráveis, problemáticas sociais, poesias e inquietudes, dialogando com a cidade e seus cidadãos.

Todavia, esse olhar quase “romântico” está longe de ser um consenso na literatura e na vida cotidiana. Historicamente, os graffiti – principalmente as pixações – são fenômenos considerados criminosos e poluidores da paisagem padronizada dos grandes centros urbanos. Teixeira (2010) comenta que as diferentes informações que são bombardeadas pelos caminhos das cidades geram variadas percepções, que vão desde o desconforto até críticas ao que consideram uma invasão da propriedade privada. Por outro lado, pontua que nem sempre a arte urbana é a vilã da história, pois também desperta suspiros, atenção e até mesmo adquire o status de obra de arte, haja vista diversas exposições em galerias consagradas e várias apropriações do graffiti feitas pela publicidade e outras mídias.

Recentemente, o prefeito Luciano Rezende sancionou a Lei nº 8.943/2016, que criou o Programa de Combate à Poluição Visual e Depredação de imóveis públicos e privados na cidade de Vitória-ES. Essa lei prevê para quem praticar pixação, além de uma multa no valor de R\$ 9.007,80 (nove mil e sete reais e oitenta centavos)<sup>3</sup>, a obrigação de custear o reparo ao “dano” causado a qualquer patrimônio público ou privado. A legislação, que de acordo com grafiteiros locais não foi devidamente discutida<sup>4</sup> com os movimentos sociais e municipais, faz ainda uma separação bem clara entre o graffiti e a pixação. Em seu texto, o graffiti não é caracterizado como pixação, mas como uma manifestação artística que objetiva a valorização do bem público ou privado, desde que a intervenção tenha o consentimento expresso do proprietário (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2016).

A lei citada também prevê que o Poder Público Municipal deverá reservar espaços para o graffiti, nos moldes determinados oficialmente. Todavia, não deixa claro como isso será feito e se haverá participação da comunidade nessas ações. Bissoli (2011), em pesquisa que analisou a inserção do graffiti na paisagem urbana da cidade de Vitória-ES, pontua que comumente o graffiti é concebido como baderna, sujeira e desordem. Ela justifica essa visão

<sup>2</sup> O Hip Hop é um movimento cultural de rua surgido nos Estados Unidos na década de 1970, especificamente na comunidade negra da região do Bronx. É conhecido como um movimento de resistência ao poder hegemônico, sendo composto pelo rap – expressão musical, graffiti – expressão da arte plástica e o *break dance* – expressão do corpo pela dança (AMARAL, 2009).

<sup>3</sup> Esse valor foi convertido da multa de 300 (trezentas) UFIR's, prevista no inciso IV do Art. 44 da Lei nº 5.086/2000 (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2000).<sup>4</sup> A mídia alternativa Ninja ES (acesso em 26 jun. 2016), denunciou em sua página na rede social do Facebook que esta lei foi discutida e decidida em reuniões a portas fechadas. Segundo Nascimento (2016) grafiteiros da cena capixaba também manifestaram repúdio à repressão da Prefeitura e a falta de diálogo.

pela característica marginal dessa expressão, que em muitos casos foge da regulação dos dispositivos oficiais. Porém, o que move o universo do graffiti é justamente seu caráter subversivo (NASCIMENTO, 2016).

E o que move a presente pesquisa? O que nos move em direção ao graffiti? O desejo pela abordagem da temática do graffiti surgiu, de maneira inspiradora, durante o estágio curricular em Intervenções Urbanas. No percurso peripatético<sup>5</sup> do estágio e da graduação em Psicologia, foi possível acompanhar os diversos elementos da movimentação Hip Hop e ainda escutar/participar/narrar várias histórias. Histórias de poetas, rimadores, andarilhos, grafiteiros e pixadores, que encontram nos muros, prédios e ruas da cidade espaço para cores/dores e afetos coletivos. Simultaneamente ao estágio acompanhávamos, no ir e vir pelas ruas da Grande Vitória, um aumento considerável de murais grafitados e pixações, algo que despertou ainda mais nossa atenção para esse fenômeno urbano. Quais as (sub)versões presentes na literatura nacional a respeito do graffiti? Quais os diferentes olhares lançados sobre essa movimentação, que nos últimos anos têm gerado grande volume de discussões na mídia, academia e na vida das cidades?

Nesse sentido, o presente estudo buscou investigar as concepções sobre o graffiti em pesquisas nacionais, publicadas entre os anos de 2006 a 2016, e discuti-las a partir do olhar da Filosofia da Diferença, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari, compartilhados por Michel Foucault e Suely Rolnik.

## MÉTODOS

Trata-se de uma revisão de literatura. Os estudos foram coletados nas bases de dados SciELO Brasil e Pepsic, a partir de uma busca no modo simples pelo descritor “graffiti”. Dessa forma, para atender aos objetivos desta pesquisa, foram selecionados apenas estudos produzidos no Brasil e publicados nos últimos 10 anos (2006 a 2016). Foram excluídos todos os estudos que não tinham o português como idioma e que não tinham texto completo disponível online e de forma gratuita.

Todos os trabalhos encontrados foram cadastrados em formulário online criado na plataforma *Google Forms*<sup>6</sup>. A escolha pela utilização dessa ferramenta do *Google* se deu pela possibilidade de vincular o formulário a uma planilha, que registrou automaticamente as respostas inseridas. Isso facilitou as exclusões e quantificações iniciais dos dados encontrados. Günther (2006), em pesquisa sobre a complexidade da pesquisa qualitativa, recomenda a utilização de critérios de qualidade para avaliação de trabalhos científicos. Dessa forma, após proceder às primeiras exclusões, os estudos selecionados foram avaliados a partir de um instrumento que continha 10 questões<sup>7</sup> versando sobre sua qualidade e pertinência ao tema do graffiti.

<sup>5</sup> Termo usado por Antônio Lancetti que significa “passear, ir e vir conversando” (LANCETTI, 2015, p. 15). A proposta de fazer clínica andando pelas ruas da cidade, ouvindo histórias e partilhando afetos é uma das apostas do Estágio em Intervenções Urbanas.

<sup>6</sup> O *Google Forms* é um aplicativo disponibilizado gratuitamente na internet pelo Google para a confecção de formulários online (MANSUR et al, 2010).

<sup>7</sup> As questões foram adaptadas de Günther (2006) e versavam sobre a clareza dos dados das pesquisas encontradas quanto à: delineamentos propostos, aspectos metodológicos, referencial teórico e/ou técnicas para análise e objetivos. Ademais, foi avaliado se os estudos ouviram as pessoas pesquisadas (no caso grafiteiros e pixadores) e também se os estudos podiam responder a pergunta sobre as concepções do graffiti. Essas

Após essa avaliação, foram excluídos do corpus final os estudos que não responderam a, no mínimo, cinco dos 10 itens de avaliação propostos. A coleta dos dados foi realizada durante uma releitura criteriosa desses estudos, na qual buscou-se parágrafos que indicavam alguma concepção a respeito do graffiti. Esses parágrafos foram alocados no formulário “Instrumento de coleta de dados” e compuseram o corpus final para análise.

Os dados encontrados foram organizados a partir dos conceitos da Análise de Conteúdo, ensinados por Bardin (2011). Para ela:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 42).

Seguindo os procedimentos para sistematização da técnica de Análise de Conteúdo temático-categorial sugeridos por Oliveira (2008), os parágrafos do corpus final foram determinados como unidades de registro (UR). A UR “é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas” (FRANCO, 2005, p. 37). Esses parágrafos foram novamente objeto de leitura criteriosa, a qual serviu para definição do tema que cada unidade iria corresponder e, também, para a predefinição das categorias – categorização. “A *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2005, p. 57, grifo da autora).

A fim de relacionar a interface dos temas advindos das leituras realizadas, foi confeccionado manualmente um quadro<sup>8</sup>, no qual as UR foram agrupadas de acordo com temas comuns, abaixo da categoria correspondente. A construção das categorias e temas se fez e se (des)fez ao longo do percurso da pesquisa. Em todo o processo houve discussões supervisionadas sob o olhar da Filosofia da Diferença. Territórios ‘à flor da pele’<sup>9</sup>, (re)criando mundos/unidades, num repintar de quadros. “Prestando atenção em cores”, como cantou Adriana Calcanhoto (1992).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca simples pelo descritor “graffiti”, foram encontrados 20 (vinte) trabalhos nas bases de dados consultadas (Tabela 1), dos quais apenas 08 (oito) satisfizeram o delineamento proposto e os critérios dos instrumentos de avaliação (Tabela 2).

Questões foram de maior peso para a decisão das unidades que estariam presentes na composição do corpus desta pesquisa.

<sup>8</sup> A utilização do quadro foi uma tentativa de expor visualmente as concepções encontradas a respeito do graffiti, facilitando as inferências e levantamento de hipóteses. Diante do quadro colado numa parede, foi possível avançar nas discussões dos resultados e debater sobre os recortes. Ademais, a visualização do quadro permitiu a identificação das correlações textuais com as categorias e até mesmo redefinições necessárias nas categorizações feitas inicialmente. Num esforço árduo, entre recortes e colagens, procurou-se não perder de vista o contexto em que os parágrafos apareciam originalmente no estudo selecionado. Essa aposta trouxe uma compreensão mais aprofundada dos olhares a respeito do graffiti presentes na literatura pesquisada.

<sup>9</sup> Parafraseando Leila Domingues Machado da obra “À Flor da pele, Subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo” (MACHADO, 2010).

Tabela 1 – Quantidade de Trabalhos X Áreas do Conhecimento.

Áreas	Quantidade de trabalhos encontrados	Quantidade de trabalhos excluídos	Quantidade de trabalhos incluídos
Psicologia	11 3 2 1 1 1	6 2 2 0 0 1	5 1 0 1 1 0 0
Sociologia			
Antropologia	1	1	
Artes			
Administração			
Educação			
História			

Nota. Para o cálculo da quantidade de trabalhos encontrados foram considerados todos os textos que continham o graffiti como temática abordada, mesmo que esse não fosse o principal eixo de discussão.

Tabela 2 – Trabalhos selecionados.

N	Autoria, Ano	Título do trabalho	Tipo de pesquisa
T1	FURTADO; ZANELLA (2009)	Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos	Qualitativo
T2	CLINI (2009)	As cores de Pastore: reflexões fenomenológicas sobre o grafite e a arte de viver	Qualitativo
T3	DAMIÃO; TEIXEIRA (2012)	Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer?	Quali/Quantitativo
T4	FURTADO (2012)	Tribos urbanas: os processos coletivos de criação no graffiti	Qualitativo
T5	CEARÁ; DALGALARRONDO (2008)	Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação	Qualitativo
T6	CALDEIRA (2012)	Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo	Ensaio
T7	TAVARES (2010)	Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades	o
T8	VIEGAS; SARAIVA (2015)	Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte	Ensaio
			o
			Qualitativo

Nota. Os estudos do número 1 ao 5 são da Psicologia. Os demais são das seguintes áreas respectivamente: Sociologia, Artes e Administração.

Ao observarmos os resultados iniciais da busca na Tabela 1, podemos notar o que comentaram Furtado e Zanella (2009, p. 1282): “se é difícil encontrar uma cidade sem grafites e pichações, não se pode falar o mesmo de artigos em periódicos nacionais que tratem do tema”.

Dos 08 (oito) trabalhos selecionados, 05 (cinco) são pesquisas qualitativas e ouviram grafiteiros e/ou pichadores por meio de entrevista e/ou conversa. Quanto à área de conhecimento, a maioria dos estudos encontrados são da Psicologia.

Ao proceder à análise de conteúdo, foram encontradas um total de 77 unidades de registro (UR). Conforme demonstrado na Figura 1, essas unidades foram alocadas em 15 temas diferentes, que por fim sinalizaram as seguintes categorias: Diferença: Graffiti X Pichação; Política, com as subcategorias Resistência e Território; e por último a categoria Subjetividades.

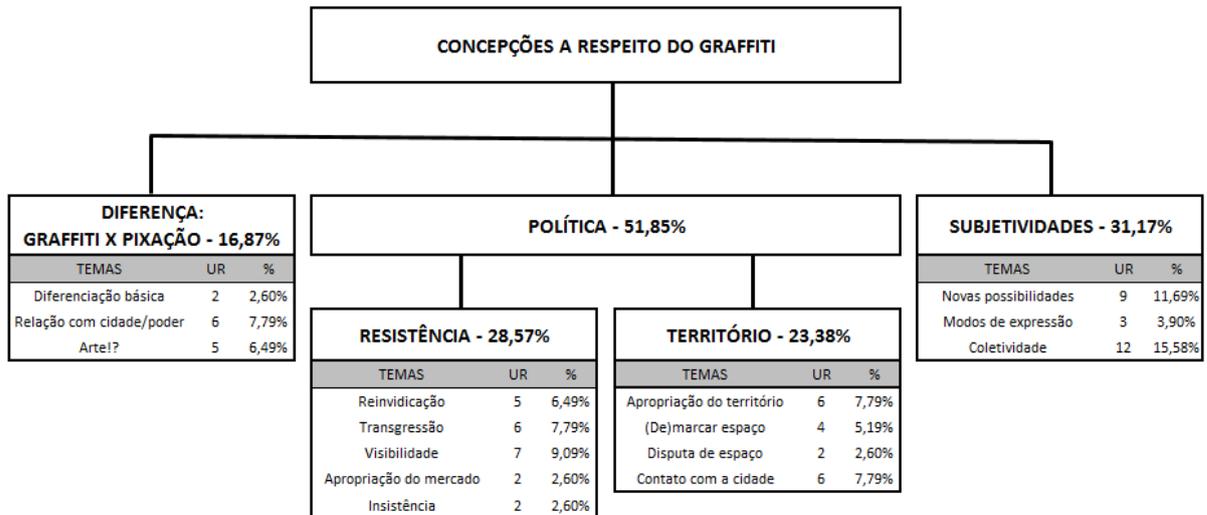


Figura 1. Distribuição das categorias, subcategorias e respectivos temas e quantificação das unidades de registro (UR) encontradas. Nota. As porcentagens foram calculadas a partir do total de UR (n=77).

Ao analisar a formação das categorias (Figura 1) é possível perceber a primeira e controversa concepção a respeito do graffiti: a diferença. As unidades de registro presentes nos trabalhos encontrados dão conta da separação<sup>10</sup> clara que existe entre o graffiti e a pixação (Figura 2)<sup>11</sup>. Segundo Caldeira (2012), as duas modalidades de intervenção urbana são consideradas distintas, apesar de muitos praticantes adotarem os dois estilos.

Essa distinção é marcada principalmente pela ordem figurativa, já que é comum no graffiti a utilização de desenhos e cores, enquanto na pixação o que chama a atenção são as inscrições indecifráveis, na maioria das vezes monocromáticas (TAVARES, 2010; CALDEIRA, 2012). Na literatura pesquisada também há a ideia de que as pixações têm um caráter mais transgressivo, assumindo “o papel de ovelha negra do grafite” (TAVARES, 2010, p. 23).

A diferença entre essas expressões torna-se mais tensa quando observada sua relação com o poder público. Ao longo dos anos, o graffiti conquistou grande parte da população, ganhando um sentido de revitalização das cidades. Isso favoreceu o apoio do poder público, que muitas vezes utiliza as cores do graffiti para implementar políticas de revitalização nos centros urbanos. Já a pixação guarda um “sentido de dano à cidade” (VIEGAS; SARAIVA, 2015, p. 87), sendo alvo constante da repressão policial. Como comumente é uma prática não desejada, é criminalizada e capturada pelos dispositivos de vigilância e intervenção pública (VIEGAS; SARAIVA, 2015).

<sup>10</sup> Segundo Bissoli (2011), essa distinção entre as duas expressões é observada somente no Brasil.

<sup>11</sup> As figuras 2, 3 e 4 foram montadas a partir de uma imagem da dupla de grafiteiros paulistas Os Gêmeos que estampava a parede de um estabelecimento comercial da cidade de Curitiba-PR. A imagem pintada pela dupla, que é respeitada mundialmente, foi apagada para dar lugar a cor padrão de uma campanha política do partido PSDB, causando revolta nas redes sociais na época. Esta era a única pintura deles que ainda resistia na cidade (APOLLONI, 2014). Já a fonte tipográfica utilizada para destacar a categoria nas figuras citadas foi inspirada na caligrafia da pixação da cena paulistana. Atualmente ela é comercializada em sites especializados em fontes e foi batizada com o nome “adrenalina-sp” (CALDEIRA, 2012).

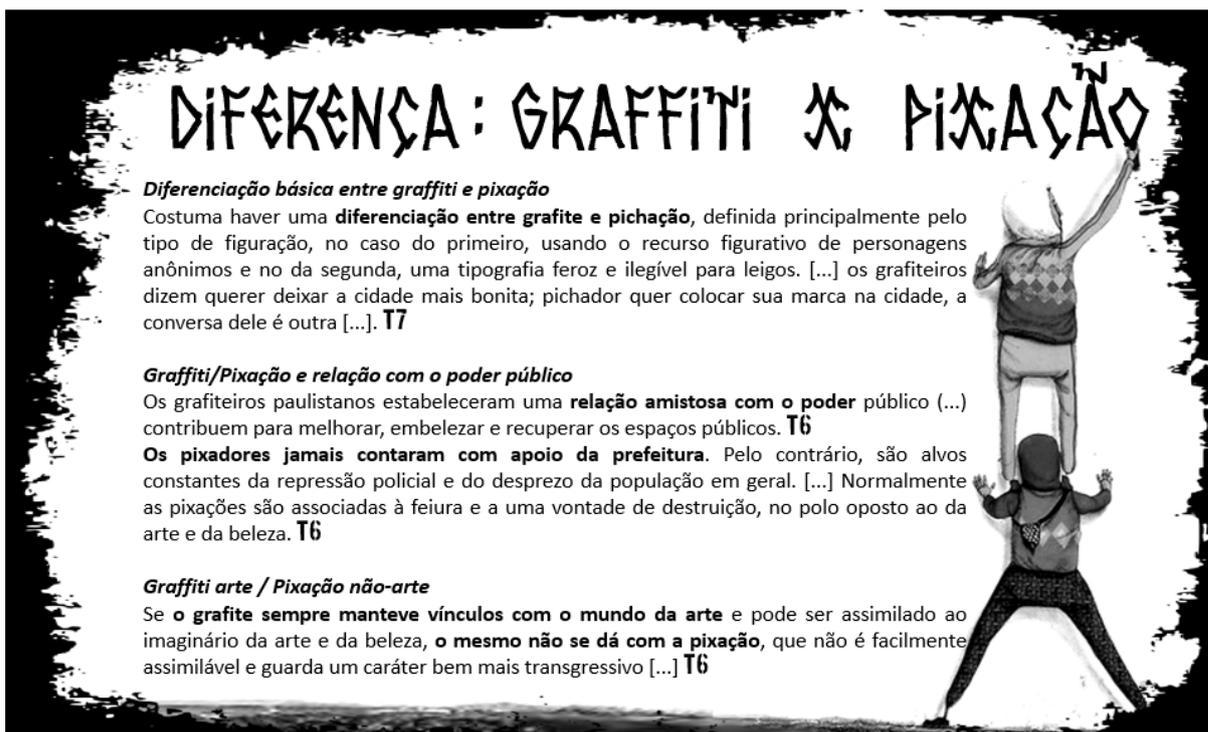


Figura 2. Unidades de registro selecionadas da categoria “Diferença: Graffiti X Pixação”. Nota. Montagem feita com imagem de Os Gêmeos, foto de Plástico Urbano, disponível em: <https://www.flickr.com/photos/plasticourbano/sets/>.

Ceará e Dalgalarondo (2008), em seu estudo sobre o perfil psicossocial de jovens pixadores, relacionam a atividade de pixação na adolescência com outros crimes, como furtos, roubos e outros tipos de violência. Para estes autores, a prática da pixação “resulta numa crise psicossocial mais intensa, que evolui para comportamentos francamente delinquentes” (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008, p. 290). Essa linha de pensamento vai de encontro à afirmação e necessidade da diferença na cidade como produtora de subjetividades – como veremos nas discussões abaixo. Ao trabalhar com conceitos de identidade e causa-efeito engessados, estes autores naturalizam um lugar para a verdade, como, por exemplo, a pixação levar a prática de outros crimes. Machado (1999, p. 231) comenta que na contemporaneidade é comum falar-se de “subjetividades intimistas, ligadas à esfera privada, e temos para com essa forma uma relação de verdade que nos faz creditar que sempre fomos assim e, por conseguinte, vamos continuar sendo”.

No universo da arte, a diferença se mantém. Os estudos encontrados relatam que a modalidade do graffiti é facilmente considerada como manifestação artística. Isso não ocorre com a pixação, que “foge do espaço legalizado da arte” (TAVARES, 2010, p. 25). Para esta autora, a potência da pixação está justamente em seu caráter marginal. “Se não fosse proibido, se não fosse considerado sujo e feio, não teria a potência heroica do sujeito que se propõe a enfrentar todos os riscos para deixar sua marca na cidade” (TAVARES, 2010, p. 25).

Essas diferentes concepções estão longe de ser um problema para muitos pixadores e grafiteiros, pois é justamente a atitude subversiva que os movem e os fazem (re)criar realidades, em resistência à realidade posta, como diz um de seus representantes na pesquisa de Viegas e Saraiva (2015, p. 86): “isso é uma ferramenta que a gente tem de cutucar o sistema, de fazer eles olharem pra nós. É igual o duelo, a resistência, tem que ser

assim. Ah, não gosta não? Ela vai existir, ela não vai parar não (representante de pichação e grafiteiro)”.

Em relação ao sentido político<sup>12</sup> do graffiti (Figura 3), a análise trouxe duas subcategorias. A primeira, denominada como “Resistência”, diz respeito ao protagonismo dos grafiteiros e pixadores na crítica à estrutura das cidades e reivindicação por visibilidade social, produzindo tensões com a norma vigente, como já foi possível verificar nos trechos comentados acima. A segunda, denominada “Território”, reforça o sentido político da movimentação graffiti, pois denota uma forma de ocupação dos grandes centros pela periferia.

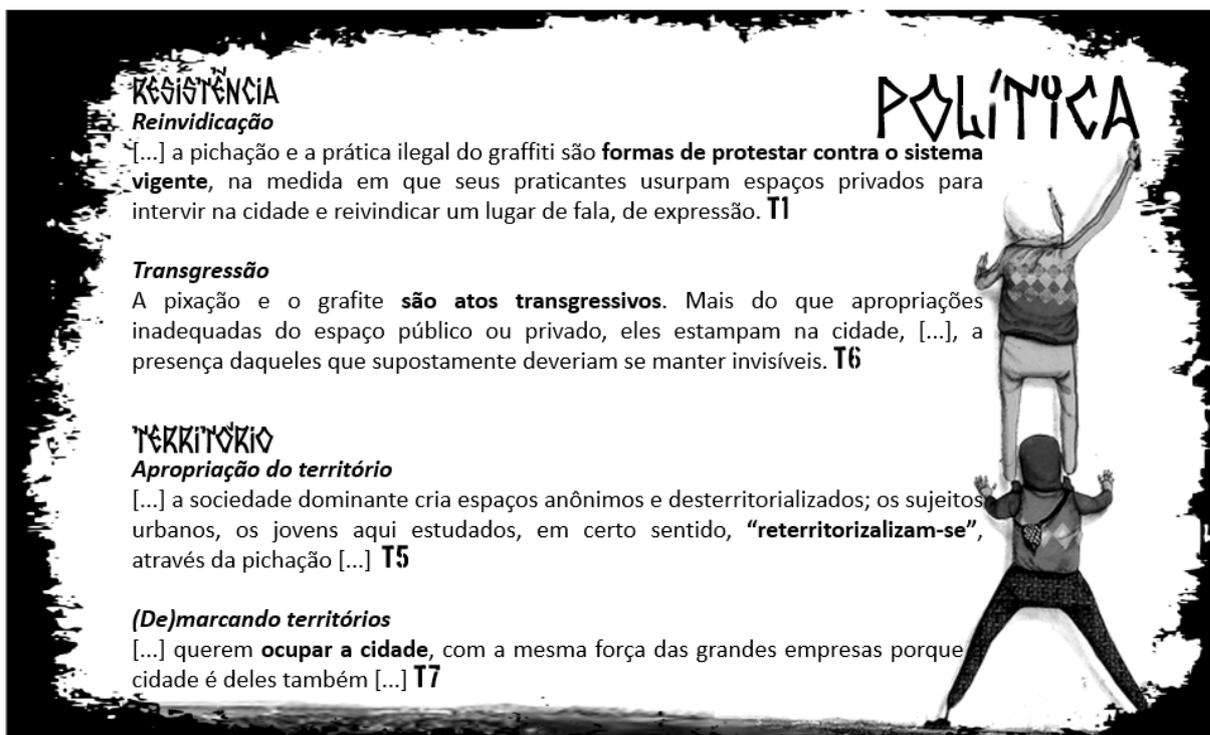


Figura 3. Unidades de registro selecionadas da categoria “Política”, com as subcategorias “Resistência” e “Território”. Montagem feita com imagem de Os Gêmeos, foto de Plástico Urbano, disponível em: <https://www.flickr.com/photos/plasticourbano/sets/>.

Foucault (1995), em seu texto “Sujeito e Poder”, afirma que “não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual, toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta” (p. 248). Por meio dos estudos de Michel Foucault, é possível compreender o jogo das relações de poder e como se dá a contrapartida, já que segundo ele o poder não se centraliza em uma figura somente, nem mesmo o assujeitamento acontece sem luta ou questionamentos. O poder está em todos e a arte possui uma potência, que segundo Oneto (2007) não passa pelo engajamento de realização de impossíveis, antes tende a tornar-se algo possível.

Caldeira (2012) pontua que a maioria dos grafiteiros e pixadores são jovens, pertencem às classes sociais mais baixas e advindos das periferias dos grandes centros urbanos. Com

<sup>12</sup> O conceito de política que utilizamos está baseado na leitura de autores como Michael Foucault, Félix Guattari, Gilles Deleuze e Suely Rolnik. Para esses autores a política vai além dos estabelecimentos partidários ou mesmo os conceitos de esquerda ou direita. A política está nas microrrelações cotidianas, na postura com a qual encaramos os fenômenos e como nos posicionamos frente à vida. Seguindo essa perspectiva, Oneto (2007) defende que a arte é indissociável da política, pois age sobre a realidade.

histórias marcadas pela desigualdade de oportunidades, questões raciais e contato com os mais variados tipos de violência, esses jovens resistem às relações de poder presentes na sociedade.

Isso ocorre justamente porque o graffiti e a pichação criticam a estrutura da cidade, suas territorialidades, suas regulamentações, seus espaços definidos de expressão, comunicação e diálogo, e constituem linhas de fuga e resistência dentro das propostas padronizadas, funcionais e restritivas de organização urbana (FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 1294).

Dessa forma, podemos afirmar que a movimentação graffiti é atravessada pela política. Mesmo porque sua história nasceu ancorada com a realidade social vivida nas grandes cidades. Ao transgredirem as normas do sistema, esses jovens instalam

[...] uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. [...] Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento (FOUCAULT, 1988, pp. 90-91).

No graffiti, essa luta não se resume a denunciar nos muros as desigualdades e dores coletivas, pois além dessa estratégia de protesto há a afirmação da cultura da periferia que, ao entrar nos espaços padronizados das cidades, dá visibilidade àqueles que estão à margem. Por meio das técnicas do graffiti e pichação esses jovens passam a dominar de forma coletiva uma produção cultural peculiar, criando espaços para a diferença com pinturas, escritas e tipografias exclusivas, além das mais variadas formas de expressão. “Com isso, o grafite e a pichação desestabilizam o antigo *modus vivendi*, com seu sistema de signos, suas relações sociais e suas regras de uso do espaço público” (CALDEIRA, 2012, p. 39, grifo da autora).

Essa desestabilização está presente em todos os cantos, inclusive nos banheiros públicos, tornando-se incontrolável, já que essas expressões acontecem a partir da insistência. A cada inscrição apagada pelo poder público outras surgem numa batalha infundável (DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009; VIEGAS; SARAIVA, 2015). Aqui podemos visualizar outra faceta da resistência. Oneto (2007), ao tentar responder a pergunta “a que resistimos?”, encontra na insistência o sentido primeiro da resistência. Para ele:

Resistimos, portanto, à fixação das relações entre nós e o meio, pois é isso que bloqueia e nos cerceia. Mas a resistência é – antes de qualquer coisa, e como indica o prefixo “re” – repetição de um movimento, e só em segundo lugar um movimento contrário a algo. **Resistimos porque insistimos.** Resistimos porque “devimos”, porque queremos ultrapassar a nós mesmos. A resistência é primeiramente “em” (no devir), e só secundariamente “a” (ONETO, 2007, p. 202, grifo nosso).

O “grito” dos/nos muros, independente de seu conteúdo, é político e está ganhando cada vez mais ouvidos, pois dialoga com as pessoas que passam pela cidade. Como o graffiti é

uma expressão urbana, essa conversa acontece para além das quatro paredes, e isso mobiliza a presença da diferença nas cidades e a criação de territórios outros, pois “resistir é *re-existir*, se projetar para além do presente, para além de um domínio do possível decidido de antemão nas esferas da moral e da política” (ONETO, 2007, p. 210, grifo do autor).

Deleuze (1992) define os movimentos artísticos – e podemos incluir aqui a movimentação graffiti – como sendo “máquinas de guerra”. Claro que se trata de uma metáfora, que segundo ele pode ser entendida como “certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços-tempos” (DELEUZE, 1992, p. 212).

Nesse sentido Tavares (2010, pp. 23-24) comenta:

Como se o território da cidade estivesse perdido e fosse preciso reconquistá-lo. Não se trata simplesmente de marcar território – cães e gatos fazem isso, animais irracionais fazem isso instintivamente; seres humanos utilizam estratégias racionais, ou que pelo menos podem ser organizadas racionalmente. A estratégia dos pichadores parece ter uma motivação, como um contra-ataque às políticas do uso do espaço urbano. [...] Não há no imaginário desses sujeitos um sentimento de pertencimento. Não é estar fora fisicamente, não habitar o centro, porque a pichação também está na periferia; este estar deslocado no mundo é não se sentir representado, não se sentir parte constituinte da cidade, ainda que se a habite.

Caldeira (2012) concorda com Tavares (2010) ao frisar que por meio das inscrições espalhadas pelos diversos espaços urbanos, pichadores e grafiteiros “transcendem seus locais de origem” (CALDEIRA, 2012, p. 39). Ainda acrescenta a ocorrência de uma reconfiguração desses espaços, trazendo outros usos, outras possibilidades. Diante disso, é possível afirmar que essas linhas de fuga e resistência, como ensinam Deleuze e Guattari (1996), rompem com o que está instituído, pois essa potente “máquina de guerra” é capaz de criar novos territórios existenciais.

Seguindo essa perspectiva, esses filósofos entendem território articulado com diversos sentidos – etiológicos, subjetivos, sociais e geográficos. Desse modo, há um agenciamento entre matérias, fluxos e seres.

[...] a noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo, tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 323).

Esses territórios compreendem também a desterritorialização e a reterritorialização, isto é, eles podem se engajar em linhas de fuga ou mesmo serem destruídos (GUATTARI; ROLNIK, 2011). Dessa forma, é possível visualizar na movimentação graffiti, conforme os trabalhos pesquisados, várias desterritorializações. Grafiteiros e pichadores desalinham-se com seu próprio território, com o que lhes é familiar, e lançam-se ao movimento de construção de novos mundos e viabilização de novos territórios que acabam por nascer.

Lefebvre (2008), em obra na qual discute o conceito de direito à cidade, considera que a urbe é tida como produto das políticas globais do mercado capitalista. Corroborando tal

afirmação, Guattari (1985, p. 109) comenta: “às arquiteturas disciplinares e enquadradoras sobrepõem-se formas particulares de apropriação, vivências cotidianas específicas que acabam por produzir territorialidades novas e imprevistas”. Dessa forma, como diz Santos (2011), citado por Viegas e Saraiva (2015), as cidades tendem a se enquadrar em padrões de pensar, modos de agir, desejos e arquitetar construções. Isso pode ser pensado como um sedativo, como uma forma de apagar a diferença e calar as vozes/gritos que desviam dessa homogeneização.

A movimentação graffiti corta a pele da cidade e cria fissuras na urbe-mercadoria, sedada pelo padrão capitalístico. Padrão este que não alcança a todos que dela fazem parte, que exclui das ruas a diferença. O cinza é rasgado pela cor-arte dos graffiti, pelas inscrições nos muros que dão voz ao grito da exclusão e demarcam territórios pela cidade. Se o cinza-padrão impermeabiliza a pele da cidade, o graffiti corta-a, trazendo sensações e afirmando outras sensibilidades, sentidas “à flor da pele”, como veremos abaixo.

A terceira e última categoria diz respeito às subjetividades (Figura 4). Antes de discuti-la é necessário explicitar que a noção de subjetividade com a qual trabalhamos não é sinônimo de identidade, estrutura psíquica ou personalidade (MACHADO, 1999). Para Deleuze (1992, pp.123-124):

Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a pessoa: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder.

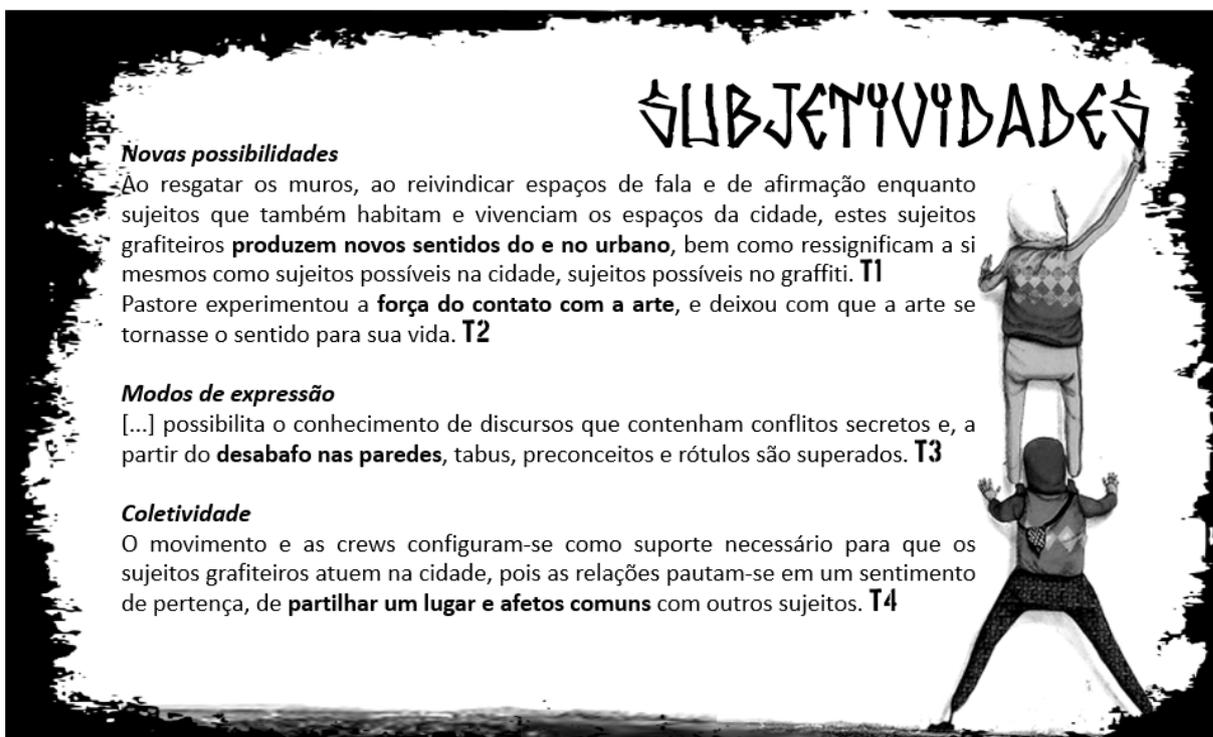


Figura 4. Unidades de registro selecionadas da categoria “Subjetividades”.Nota. Montagem feita com imagem de Os Gêmeos, foto de Plástico Urbano, disponível em: <https://www.flickr.com/photos/plasticourbano/sets/>.

Na Filosofia da Diferença, a subjetividade é remetida a acontecimentos diversos, a situações e à coletividade em dimensões incorpóreas e invisíveis. Como será discutido a seguir, é nesse sentido que a movimentação graffiti agencia subjetivações, atingindo afetos e sensações, produzindo novas formas de ser e estar no mundo.

Clini (2013), em sua pesquisa sobre o percurso do grafiteiro-poeta Bruno Pastore, demonstra que os graffiti “desvelam e fundam o modo como nos relacionamos com a cidade atualmente. Eles descobrem novos modos da arte acontecer, revelam também os jogos de poder institucionais reinantes e as leis de mercado, ao mesmo tempo em que contestam tudo o que foi dito acima” (CLINI, 2013, p. 665).

Ao possibilitar novas maneiras de relacionar-se com a cidade, o graffiti subverte a ordem. Novos mundos são fabricados, novas subjetividades que fogem ao capital, como dizem Guattari e Rolnik (2011, p.42):

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo.

O capital cristaliza subjetividades, formatando modos de pensar a partir de padrões que interessam ao mercado. Já as imagens e palavras dos e nos muros desestabilizam esses sentidos cristalizados, causando fissuras pela cidade, fazendo pensar e criticar o que está instituído. Segundo Guattari e Rolnik (2011), o capital é uma máquina que produz subjetividade. Por outro lado, estes autores acreditam na possibilidade do desenvolvimento de processos de singularização, que se chocam com essas formas instituídas e padronizadas. Como uma “máquina de guerra”, a movimentação graffiti pode produzir “uma singularização existencial que coincida com um desejo, comum gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p.17).

A diferença presente nas ruas convoca os transeuntes à criação de maneiras outras de pensar, provocando sensações que contornam novas subjetividades. Não somente aqueles que passam pelas ruas são afetados pela arte e inscrições da diferença, os próprios grafiteiros e pixadores também são mobilizados na criação de outros sentidos. Clini (2013, p. 666) pontua que o grafiteiro Pastore “experimentou a força do contato com a arte, e deixou com que a arte se tornasse o sentido para sua vida. Como jovem nascido na periferia, ele atravessou inúmeras experiências de abandono, exclusão, humilhação e falta de perspectiva”. A arte possibilitou a este grafiteiro e a tantos outros entrevistados nas pesquisas encontradas a invenção de novos sentidos para a vida. Como diz Rolnik (1996, p. 2), “artista e obra se fazem simultaneamente, em uma inesgotável heterogênesse em que ambos nascem e renascem outros a cada vez. É através da criação que o artista enfrenta o mal-estar da morte de seu atual eu”.

Na movimentação graffiti essa criação ocorre na coletividade, como observou Furtado (2012). De acordo com a autora citada, o graffiti se caracteriza como uma intervenção conjunta, na qual a relação de afetos entre os praticantes é fundamental para o processo de criação. Furtado (2012, p.222) ainda acrescenta:

Na *crew*<sup>13</sup> e com a *crew* os grafiteiros investem-se emocionalmente numa prática coletiva, constituindo-se sujeitos a partir dessas experiências compartilhadas. A *crew* constrói também os princípios que nortearão essas práticas e, na medida em que ocorrem divergências em relação a esse imaginário comum, a *crew* se problematiza e, muitas vezes, se refaz.

Em outras palavras, relações são construídas e destruídas, num movimento constante de subjetivações (FURTADO; ZANELLA, 2009).

## **(SUB)VERSÕES FINAIS**

Eu ando pelo mundo / Prestando atenção em cores / Que eu não sei o nome / Cores de Almodóvar / Cores de Frida Kahlo / Cores! / Passeio pelo escuro / Eu presto muita atenção / No que meu irmão ouve / E como uma segunda pele / Um calo, uma casca / Uma cápsula protetora / Ai, Eu quero chegar antes / Pra sinalizar / O estar de cada coisa / Filtrar seus graus / Eu ando pelo mundo / Divertindo gente / Chorando ao telefone / E vendo doer a fome / Nos meninos que têm fome / Pela janela do quarto / Pela janela do carro / Pela tela, pela janela / Quem é ela? Quem é ela? / Eu vejo tudo enquadrado / Remoto controle (CALCANHOTO, 1992)

No presente artigo, procurou-se identificar na literatura nacional as concepções a respeito do graffiti e discuti-las à luz da Filosofia da Diferença. Ao longo do processo de leituras, inclusões e exclusões de textos, foi possível perceber posições diversas, que por vezes se encontravam e em outras se desencontravam, formando um emaranhado de conflitos que não couberam na simples categorização de ideias proposta. A própria tarefa de “enquadrar” as concepções encontradas nos estudos em categorias pode parecer um tanto contraditória num trabalho que se lança na subversão e transgressão. O “controle remoto” acadêmico às vezes nos prega peças e nos seduz com suas burocracias normatizadoras, traduzidas em técnicas e modelos prévios. Mas o que fazer se o passeio pela escrita/pesquisa às vezes é escuro? Técnicas são como cápsulas protetoras, que nos dão uma sensação de segurança. Uma sensação de que estamos trilhando o caminho “certo”.

Em cada etapa dessa pesquisa, principalmente no momento das categorizações, tomamos o cuidado ético de expor ao máximo as concepções encontradas sem descolá-las de seus contextos, de modo que pudéssemos trazer um texto que contribuísse para a compreensão desse fenômeno tão controverso e rico para a cidade na contemporaneidade. Prestando atenção em cores e traços, a cápsula protetora aos poucos se ruía, tornando a escrita mais leve. Cores que engendraram (des)caminhos pela subversão. Cores que suspenderam, mesmo que momentaneamente, burocracias e normas.

Para além das cores, o encontro com a literatura sobre o graffiti promoveu possibilidades (outras) de escrita e vida. O encontro com a arte urbana no rolê acadêmico também corta nossa pele. Em consonância com Suely Rolnik, o que marca a pele move a escrita, inclusive “dá para dizer que são as marcas que escrevem. Aliás, só sai um texto com algum interesse

<sup>13</sup> Segundo Furtado (2012, p. 218), *crew* é uma “palavra de origem norte-americana incorporada por pichadores e posteriormente pelos grafiteiros brasileiros, significando galeras ou grupo de escritores livres de rua. Por meio da formação de *crews*, os grafiteiros estabelecem vínculos entre si, diferenciando-se uma *crew* das outras pela definição de um estilo próprio”.

quando é assim. Aí escrever traz notícias das marcas e tem o poder de ampliar minha escuta a suas reverberações” (ROLNIK, 1993, p. 246).

Por meio da análise proposta, foi possível encontrar pontos que se ligaram à Filosofia da Diferença, mesmo porque a construção das categorias foi realizada em consonância com o referencial teórico adotado. A partir dos conceitos de diferença, resistência, territórios existenciais e processos de subjetivação, foi possível rascunhar mapas que poderão auxiliar novos trabalhos e discussões.

A movimentação graffiti pode ser considerada agenciadora de processos de subjetivação, agenciando novas possibilidades de ser e estar no mundo, necessitando de mais pesquisas, principalmente na área da Psicologia. O graffiti também é um importante analisador<sup>14</sup> das estratégias de resistência dos jovens que estão à margem. Sabe-se que além da baixa produção científica, que foi demonstrada neste trabalho, a movimentação graffiti – dada à sua diversidade e emergência na vida cotidiana das cidades – necessita ser cartografada, como propõem subversivamente Deleuze e Guattari. Trabalhos-devir, para uma movimentação por vir.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, E. S. **Com licença Hip-Hop**: mapeamento dos grupos de Hip-Hop na grande Vitória, Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. 216p. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_3761\\_ELIZABETH%20DE%20SOUZA%20AMARAL.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_3761_ELIZABETH%20DE%20SOUZA%20AMARAL.pdf). Acesso em: 10 abr. 2016.
- APOLLONI, R. **A campanha matou o grafite dos Gêmeos**. Gazeta do Povo - Blogs, 2014. Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/interrompemos-nossa-programacao/a-campanha-matou-o-grafite-dos-gemeos>>. Acesso em: 28 out. 2016.
- BACELAR, J. Notas sobre a mais velha arte do mundo. In.: CORREIA, J. C.; FIDALGO, A.; SERRA, J. P. (Org.). **Informação e comunicação online** (Vol. III): mundo online da vida e da cidadania. Covilha, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2003. p. 81-94. Disponível em: [http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110829-correia\\_fidalgo\\_serra\\_ico3\\_mundo\\_cidadania.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110829-correia_fidalgo_serra_ico3_mundo_cidadania.pdf). Acesso em: 27 fev. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BISSOLI, D. C. **Graffiti: paisagem urbana marginal. A inserção do graffiti na paisagem urbana de Vitória (ES)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. 218p. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_5058\\_BISSOLI\\_DC\\_2011\\_smaller.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5058_BISSOLI_DC_2011_smaller.pdf). Acesso em: 26 abr. 2016.
- CALCANHOTO, A. Esquadros. In: **Senhas**. Produção: Adriana Calcanhoto e Ricardo Rente. São Paulo: CBS/Columbia, 1992. 1 LP. Faixa 3, Lado A.
- CALDEIRA, T. P. R. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Novos estud. - CEBRAP**, n. 94, p. 31-67, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 ago. 2016.

<sup>14</sup> O analisador é um conceito-ferramenta criado por Guattari (2004) que remete àquele ou àquilo que provoca análise, explicitando os elementos de uma realidade institucional.

CEARA, A. T.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicol. USP**, v. 19, n. 3, p. 277-293, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642008000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 ago. 2016.

CLINI, M. M. As Cores de Pastore: reflexões fenomenológicas sobre o grafite e a arte de viver. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 13, n. 2, p. 646-676, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812013000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 ago. 2016.

DAMIAO, N. F.; TEIXEIRA, R. P. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer?. **Arq. bras. psicol.**, v. 61, n. 2, p. 1-10, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672009000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 ago. 2016.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, v.3, cap. 9, pp. 83-115.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. pp. 231-249.

FRANCO, M. L.P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2005.

FURTADO, J. R. Tribos urbanas: os processos coletivos de criação no graffiti. **Psicol. Soc.**, v. 24, n. 1, p. 217-226, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822012000100024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100024&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 ago. 2016.

FURTADO, J. R.; ZANELLA, A. V. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Rev. Mal-Estar Subj.**, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000400010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

GANZ, N. **O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GUATTARI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço & Debates**, Ano V, n. 16, 1985.

\_\_\_\_\_. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 mar. 2016.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

LANCETTI, A. **Clínica Peripatética**. 9. ed. Hucitec, São Paulo, 2015.

MACHADO, L. A. D. Subjetividades contemporâneas. In: BARROS, M. E. B. (org.) **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, 1999. pp. 231-247.

\_\_\_\_\_. **À flor da pele: subjetividade, cinema e clínica no contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

MANSUR, A. F. U. et al. Novos rumos para a informática na educação pelo uso da computação em nuvem (cloudeducation): Um estudo de caso do Google Apps. In: Congresso Internacional de Educação à Distância, 2010, Foz do Iguaçu. **Anais do CIAED**. São Paulo: Associação Brasileira de Educação à Distância, 2010. p. 1-8. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010112729.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

NASCIMENTO, B. C. **Grafitos e pichadores capixabas mostram seu ponto de vista em documentário**. Gazeta Online, 2016. Disponível em: <[http://www.gazetaonline.com.br/\\_conteudo/2016/06/noticias/cidades/3951467-grafiteiros-e-pichadores-capixabas-mostram-seu-ponto-de-vista-em-documentario.html](http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2016/06/noticias/cidades/3951467-grafiteiros-e-pichadores-capixabas-mostram-seu-ponto-de-vista-em-documentario.html)>. Acesso em: 26 jun. 2016.

NINJA ES. **Mídia Ninja ES**. 21/05/2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ESNINJAES/posts/1014922601876998>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. enferm. UERJ**, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016.

ONETO, P. D. A que e como resistimos: Deleuze e as artes. In: LINS, D. (Org.). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, pp. 198-211.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Lei n.º 5.086, de 1 de março de 2000. Institui o Código de Limpeza Pública no Município de Vitória. **Leis e decretos municipais**, Vitória. Disponível em: <<http://sistemas.vitoria.es.gov.br/webleis/Arquivos/2000/L5086.PDF>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 8.943, de 9 de maio de 2016. Institui o Programa de Combate à Poluição Visual e Depredação de imóveis públicos e privados no município de Vitória. **Leis e decretos municipais**, Vitória. Disponível em: <<http://sistemas.vitoria.es.gov.br/webleis/Arquivos/2016/L8943.PDF>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

ROLNIK, S. Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 2, p. 241-244, 1993.

\_\_\_\_\_. **Arte cura?** Núcleo de Estudos da Subjetividade – escritos. 1996. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Hibrido.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2016.

SPINELLI, J. **Alex Vallauri: Graffiti – fundamentos estéticos do pioneiro do grafite no Brasil**. São Paulo, BEI, 2011.

TAVARES, A. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. **ARS (São Paulo)**, v. 8, n. 16, p. 21-30, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202010000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 Ago. 2016.

TEIXEIRA, P. **www.tags.pixos@graffiti.com: um rolê pelas ruas da cultura digital**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. 184p. Disponível em: <[http://www.tede.udesc.br/tde\\_arquivos/3/TDE-2011-06-09T132450Z-901/Publico/PEDRO.pdf](http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/3/TDE-2011-06-09T132450Z-901/Publico/PEDRO.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

VIEGAS, G. C. F. S.; SARAIVA, L. A. S. Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 68-94, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-69712015000500068&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712015000500068&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 Ago. 2016.